

GUERRA *dos*  
ANJOS



— ALINE SILVESTRI —

GUERRA *dos*  
AIJOS



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Aline Silvestri, 2019

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

**Lilian Vaccaro**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

**Bianca Gulim**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

**Raquel Escobar**

ANÁLISE CRÍTICA

**Márcio Zanini**

PRODUÇÃO GRÁFICA

**Giovanna Vaccaro**

CAPA

**Henrique Morais**

DIAGRAMAÇÃO

**Michael Vasconcelos**

ILUSTRAÇÃO

**Filipe de Souza Bandeira Azevedo**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Silvestri, Aline

Guerra dos anjos / Aline Silvestri – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-37-3

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43  
Centro | Bragança Paulista | SP  
12.900-340  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

*Para Sabrina.  
Queria poder tirá-la dos meus sonhos  
somente para abraçá-la uma última vez.  
Saudades eternas.*



“E quando o mundo tentar me botar pra baixo, eu irei sorrir  
e mostrar que minha fé é mais forte que todos eles juntos.”

Sabrina da Silva da Rosa



*Fly*

**U**m grito de dor escapa da minha garganta e logo é abafado quando meu corpo se choca contra o chão duro. Cuspo o sangue e me ajoelho, segurando o ombro ferido. Meus olhos se fixam em sua figura sombria; seus cabelos ruivos estão opacos e desgrenhados, suas roupas, esfarrapadas, e sua, pele pálida. Há hematomas por todo o seu corpo. Busco em seus olhos por piedade, misericórdia ou... perdão, mas nada encontro.

Parada em minha frente, ela levanta a mão pequena, esticando uma espada reluzente em minha direção, preparando-se para me atacar outra vez. Seus ataques causam mais do que danos físicos, meu coração é dilacerado a cada golpe. Meus olhos cansados não suportam a angústia de ver aquela garota sorridente nesse estado, e o pior é saber que a culpa é minha...

— P-por favor... — repito miseravelmente. Ela parece não me ouvir. Meu corpo inteiro sangra, e eu insisto: — Sou eu. Por favor, olhe para mim! — Espalmo a mão direita sobre o peito enquanto sussurro.

— Nada do que disser vai adiantar, Fly. Este corpo agora é como uma casca vazia, sem sonhos e sem esperanças... — A voz satisfeita de Lúcifer ecoa dentro da arena colossal.

Ele levanta a cabeça sem tirar seus olhos azuis de mim, sua expressão revela como isto é divertido para ele. Maldito seja!

— Ela sabe de toda a verdade. — Seus olhos exalam um ar de triunfo. — A única coisa que a movimenta agora é o ódio que sente por você.

Fico petrificado ao ouvir suas palavras e permaneço encarando os olhos dela, que antes eram doces, mas agora estão tomados pelo ódio. Respiro fundo com dificuldade, o ar aqui é pesado e cada movimento se torna doloroso.

Encaro Lúcifer, retribuindo o seu olhar de desdém.

— Lute, Fly. É sua chance de vingança.

Levanta-se e caminha de um lado para o outro com destreza.

Meus olhos o encaram, e não digo uma palavra sequer; a garota continua com a espada brilhante apontada para mim, apenas esperando por sua ordem.

— Você almeja por isso há dezoito anos. É seu grande momento. Lute! — continua ele, com fervor. Eu apenas balanço a cabeça em negativa, sentindo a tontura que a perda do sangue me causa. — Se não revidar, acabará morrendo.

Cuspo no chão de novo e minha saliva não mais se distingue do sangue. Repito, tentando parecer forte, mas minha voz é trêmula:

— É melhor me matar de uma vez, maldito. Nunca vou encostar um dedo nela.

Sua face se contorce em uma careta ao perceber que não moverei um músculo para feri-la e dar a ele o show que tanto deseja.

— Se é seu último desejo... — ele diz, raivoso, estalando os dedos.

Engulo em seco e fecho os olhos, esperando o fim.

Dizem que, quando morremos, nossa vida inteira passa diante dos nossos olhos; comigo não é diferente. Sinto o vento quente e o assoviar da lâmina cortando o ar na frente do meu rosto e, mesmo que por poucos segundos, lembro-me de tudo — de cada sensação, do sofrimento e de todas as lágrimas derramadas. Não consigo me arrepender das decisões erradas que me trouxeram para este momento, foram os meus erros que me levaram até ela. E foi a melhor coisa que me aconteceu...





---

# Parte I

---



*Serena*

**H**ouve um tempo em que eu estava sempre sozinha, não tinha amigas e sofria muito por ser considerada diferente. Não sabia lidar com as visões que tinha: anjos, demônios e todas essas coisas. As crianças se afastavam de mim, pois diziam que eu era amaldiçoada, que trazia azar, e aquelas que insistiam em se aproximar se machucavam. Isso me entristecia; por minha causa, as outras crianças se machucavam e eu sempre acabava sendo excluída.

Foi assim a cada dia depois que Fly foi embora. Por algum tempo eu chorei todas as noites. Queria me tornar mais forte para que ninguém precisasse me proteger, pensava que se eu fosse assim ele não teria partido. Eu sempre quis ter uma vida normal, ser como as outras crianças, ter amigos... Mas isso nunca aconteceu, até agora.

Voltamos do restaurante e descemos do UBER em frente ao prédio principal da universidade. Meus anjos nos acompanham, mantendo uma distância confortável para mim.

— Nossa, já são quase cinco da tarde — Sabrina constata, olhando no visor do seu celular. — Meu irmão quer conversar comigo. Vou me encontrar com ele em alguns minutos. O que acham de assistirmos a um filme mais tarde?

— Eu passo — Ale diz, pegando o celular em sua bolsa. — Sinto muito, meninas, tenho algo importante para resolver.

— Você e eu, então, gato de botas?

Puxa-me para perto dela e passa o braço por cima dos meus ombros, fazendo o mesmo com Ale.

Caminhamos as três juntas para dentro do prédio.

— Que tipo de apelido é esse?

— Você é a cara dele, com esses olhos grandes e o cabelo ruivo.

— Era para ser um elogio? — pergunto, rindo.

Chegamos ao corredor onde ficam nossos dormitórios e deixamos Ale na porta de seu quarto.

— Qualquer coisa, ligue — Sabrina enfatiza e Ale sorri, tímida.

Enquanto as duas conversam sobre o domingo, sinto um arrepio na espinha e olho em meio às garotas passeando pelo corredor. Lá longe, ao fim das portas, vejo uma pessoa parada, alheia às outras que caminham ao seu redor. Ela está tão longe que não é possível distinguir os traços de seu rosto, apenas a cor de seus cabelos — ruivos, incrivelmente ruivos — e suas roupas pretas. Olho para trás e os anjos me encaram, em seguida volto a observá-la.

Não sei por que, mas algo nela me deixa hipnotizada e me perco olhando sua figura por alguns segundos, talvez minutos, até sentir a mão de Nathaniel sobre meu ombro. Ele faz sinal para as garotas.

— Não é, Serena? — Sabrina me chama a atenção. Encaro-a e em seguida volto a olhar para o fim do corredor, porém a pessoa já não está mais lá. — Você está legal? — pergunta.

Balanço a cabeça em negativa, focando outra vez no local onde a vi; de fato, desapareceu. Nathaniel faz sinal para os outros e vai averiguar.

— O quê? Desculpe, estou bem, só estava distraída.

— Amanhã, almoço no Riviera? Aquele garçom gostoso estava todo saidinho para o lado da nossa amiga.

Ale fica corada com o comentário.

— Claro. Vamos, sim.

Despedimo-nos de Alexandra e voltamos ao nosso quarto. Antes de entrar, dou mais uma olhada para verificar. Nathaniel volta e se junta aos outros.

— Vou encontrar meu irmão. Se precisar de alguma coisa, pode me ligar — Sabrina diz enquanto pega suas coisas. — Quando eu voltar, vou

escolher um filme para a gente ver — diz e sai apressada, deixando-me pensativa, encarando o chão.

Hoje o dia foi bem turbulento, ainda me sinto observada.

— Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa, Serena? — Zaniel me pergunta, preocupado.

Levo um susto; não tinha percebido que ele está aqui, encostado na parede. De repente anda até mim, e caminho, nervosa, até a janela, desviando do seu olhar inquiridor.

— Não, nada, eu fiquei cansada — comento, esfregando os olhos para espantar o choro.

— Como foi o passeio? — questiona, e percebo uma curiosidade bastante estranha e insistente.

Apoio os braços na janela e volto o corpo para ele, que está parado perto da porta.

— Foi divertido, finalmente tenho amigas de verdade. — Dou de ombros. De repente, recordo-me: — E você, onde esteve?

Ele me encara, sério.

— Não posso falar. Sinto muito.

— Achei que anjos não mentissem.

— Não mentimos, por isso não posso dizer.

— Mas...

— Esqueça isso, Serena. Por favor — pede de forma clara, em um tom calmo que me deixa sem escolha.

Não vou obrigá-lo a me contar algo que não quer.

— Tudo bem, me desculpe. Fiquei preocupada — retruco de forma triste.

Zaniel desvia o olhar.

Solto um suspiro longo e volto a olhar para fora. A vista do nosso dormitório é para os fundos da universidade. Vários alunos estão voltando das quadras de esporte, entre eles alguém anda na contramão e me chama a atenção.

Chego a prender o ar sem perceber.

Em suas costas há um grande par de asas acinzentadas que se destaca, ainda que ninguém perceba sua presença.

Meu coração acelera no mesmo instante. O rosto de Fly aparece em minha mente. Olho para Zaniel e minha boca se abre. Não sei o que dizer. Seus olhos me perscrutam e ele franze a testa.

Corro em direção à porta, e ele tenta me parar.

— Aonde vai? — Quero falar, porém minha voz não sai. Meus olhos apenas se enchem de lágrimas e minhas mãos ficam trêmulas, deixando Zaniel assustado. — Serena!

Ele me chacoalha, entretanto não consigo exprimir uma só palavra.

Algo dentro de mim diz que é ele, e eu só... preciso saber.

— E-eu o vi... — balbucio, e os olhos de Zaniel piscam rápido.

Ele suspira e me fita com seriedade.

— Vá ao banheiro.

Ergue uma sobrancelha e abaixa a cabeça sem tirar os olhos dos meus, deixando-me confusa.

— Então você...

— Vá, minha criança. Vá!

Engulo em seco, tentando desfazer o nó em minha garganta, e o abraço.

— Obrigada, Zaniel.

Afasto-me dando uma última olhada em meu anjo da guarda e saio do quarto. Dou de cara com Nathaniel e os outros anjos parados na porta do dormitório, prontos para me acompanhar.

— Preciso ir ao banheiro! — grito, nervosa, e acabo chamando a atenção de quem está por perto.

Fico roxa de vergonha.

Eles nada dizem, mas me acompanham. Ando pelo corredor totalmente robotizada. Alguém passa ouvindo uma música de Hanson, fazendo-me lembrar dele ainda mais, então tento me segurar para não chorar.

Paro em frente à porta do banheiro feminino e, antes de entrar, viro-me para os anjos e peço para que me esperem. Como o destino adora me ajudar, duas garotas conversam enquanto retocam a maquiagem de frente

para o espelho. Elas param de conversar assim que entro e me olham de cima a baixo, em seguida retomam o assunto sem me dar importância.

Perco o lugar com os olhos, aflito: todas as cabines estão lotadas, exceto uma no canto. Olho discretamente para trás, verificando se elas ainda estão entretidas; agora que minha reputação vai para o ralo, mas eu não estou nem aí!

Entro na cabine e fecho a porta atrás de mim. Olho para a pequena janela e tento imaginar se vou conseguir passar sem ficar entalada.

Subo no vaso sanitário e agarro a soleira da janela. As garotas me observam por cima da porta, sem dúvidas curiosas, porém não me dirigem a palavra. Consigo passar pela janelinha, no entanto, ao descer, acabo ralando meu joelho. Ainda bem que os banheiros ficam no primeiro andar.

Corro na direção em que o vi andando, e de longe posso vê-lo de costas, indo na direção do muro. Minha garganta está seca, mas preciso continuar ou não vou conseguir alcançá-lo antes que desapareça de novo.

— Fly! — grito com o último fôlego que me sobrou e paro, abaixando a cabeça e apoiando as mãos nos joelhos, tentando me recuperar.

Ele se vira e me encara, assombrado. Seus lábios se abrem e sussurram algo, porém não consigo ouvir. Eu sabia; no fundo, sabia que era ele!

Não consigo controlar minhas lágrimas e, em um impulso, corro ao seu encontro.

Alcanço-o, chocando meu corpo contra o seu em um abraço que quase o derruba. Ele fica sem reação enquanto meus braços o apertam e afundo o rosto em seu peito, abafando meu choro.

Suas mãos trêmulas me envolvem e retribuem o gesto, aconchegando-me ainda mais. Ele pousa a cabeça sobre a minha. Esperei ansiosa para reencontrá-lo, todos os dias, desde a última vez que o vi. Não tenho sequer forças em minhas pernas para ficar de pé. Devagar, ajoelhamo-nos sem nos soltar.

— Eu sabia que era você... — falo baixinho, quase sussurrando.

Levanto o rosto lavado em lágrimas e meus olhos encontram o azul intenso dos seus.

Uma mistura de sentimentos arrebatava meu corpo. Senti sua falta por tanto tempo... Ainda é como se fosse o mesmo, meu protetor, meu

melhor amigo. Mesmo assim, a mágoa em meu coração se resume em uma única pergunta:

– Por que você foi embora e nunca voltou para mim?

Encara-me, sério, seus olhos não saem dos meus.

– Digamos que eu... tive uns probleminhas... e fiquei meio fora de circulação – diz, tentando forçar um tom de brincadeira.

É o mesmo Fly do qual me lembro; nada nele mudou, nem sua voz ou sua aparência, nada. É como se o tempo não exercesse poder algum sobre ele.

– Acha isso engraçado? – questiono, colocando uma distância segura entre nós, ainda de joelhos na grama. – Prometeu que ficaria ao meu lado para sempre – falo aos tropeços. – Você mentiu. Eu o esperei e confiei em você. E um dia você se foi, simplesmente desapareceu. Por quê? – Abaixo a cabeça e deixo as lágrimas rolaem. Fly tenta argumentar, mas o interrompo outra vez: – Não tem noção do quanto foi difícil para mim sem você...

Sinto suas mãos em meu rosto, e seus olhos me fitam, brilhantes como estrelas.

– Eu não menti, Serena. Não queria ter saído do seu lado e, ainda que o tenha feito, foi a coisa mais dolorosa que experimentei. – Seus olhos parecem carregar uma dor inimaginável ao mesmo tempo que transmitem um carinho que não posso acreditar ser de mentira. – Não duvide da minha lealdade a você nem por um segundo. Se dei a minha palavra de que ficaria ao seu lado para sempre, é porque esse é o mais puro desejo do meu coração. Tive meus motivos para ir, e mesmo que eu queira não posso contar a você.

– Eu precisei tanto do meu amigo... Você era em quem eu mais confiava, mas simplesmente desapareceu e eu nunca soube a razão. Me culpei pela sua partida por anos. Agora volta tão de repente quanto desapareceu e me diz que não pode ao menos explicar o que houve?

Ouçõ seu suspiro, contudo não sei decifrar sua expressão: dor, tristeza, surpresa?

– Acho que mereço uma explicação. Não sou mais aquela garotinha ingênua de treze anos atrás.

Fecho os punhos e bato contra seu peito, ainda sem forças, tentando extravasar todos os sentimentos que guardei durante esses anos.

— Não chore, Serena, por favor. Eu lhe contaria se pudesse. Você é a única para quem eu seria verdadeiro — fala enquanto seca minhas lágrimas com os polegares. — Só preciso que me perdoe e que confie em mim... mais uma vez. — Meus olhos marejados buscam verdade nos seus. Ele segura uma mecha dos meus cabelos, sua expressão triste consome todas as mágoas que ainda tenho. — Minha doce e pequena Serena... não há um só momento em que eu não sofra por ter passado tantos anos longe de você. Você era a única razão que eu tinha para viver, se é que poderia chamar isto de vida. Não me odeie, eu imploro.

Pulo em seu pescoço e o puxo para perto de mim, abraçando-o com todas as minhas forças.

— Também sofri longe de você. Eu o perdoo se você ficar comigo para sempre, como prometeu.

Ele se afasta de mim, apertando minhas bochechas entre suas mãos grandes.

— Mesmo que os céus ou infernos me levem embora, sempre darei um jeito de voltar para você. Já disse antes: a única maneira de eu sair do seu lado seria se você me ordenasse. Até lá, serei seu guardião. Você nunca ficará sozinha outra vez, estarei com você do anoitecer até o amanhecer, cada segundo até o fim dos meus dias.

— Obrigada, Fly.

Desta vez ele é quem me puxa para um abraço apertado.